

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA BILÍNGUE

ISABELLA GONÇALVES DOS SANTOS MOTA

A ROTINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM UMA PERSPECTIVA FORMATIVA.

APARECIDA DE GOIÂNIA

2023



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO
NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor:

Matrícula:

Título do Trabalho:

Autorização - Marque uma das opções

1. ☒ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. ☐ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
3. ☐ Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

- ☐ O documento está sujeito a registro de patente.
☐ O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
☐ Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Aparecida de Goiânia, 23 de fevereiro de 2023.
Local Data

Isabella Gonçalves dos Santos Melo

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS**

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

ISABELLA GONÇALVES DOS SANTOS MOTA

A ROTINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM UMA PERSPECTIVA FORMATIVA.

Trabalho de Conclusão de Curso, no formato de monografia, apresentado ao curso de Pedagogia Bilíngue, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Câmpus Aparecida de Goiânia/IFG, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada.

Orientadora: Profa. Ma. Géssica Filgueiras
Milagre

APARECIDA DE GOIÂNIA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M917 Mota, Isabella Gonçalves dos Santos
A rotina na educação infantil em uma perspectiva formativa. / Isabella
Gonçalves dos Santos Mota. - Aparecida de Goiânia, 2023.
43 f.

Orientadora: Ma. Gêssica Filgueiras Milagre.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal de
Educação Ciência e Tecnologia de Goiás: Campus Aparecida de Goiânia,
Licenciatura em Pedagogia Bilíngue, 2023.

1. Rotina. 2. Educação infantil. 3. Elementos da rotina. I. Título.

CDD 372.1

Catalogação na publicação:
Thalita Franco dos Santos Dutra – CRB 1/2186



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA

TERMO DE APROVAÇÃO

ISABELLA GONÇALVES DOS SANTOS MOTA

A ROTINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM UMA PERSPECTIVA FORMATIVA

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Aparecida de Goiânia como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia Bilíngue Português/Libras e desenvolvido na linha de pesquisa Fundamentos dos processos educativos sob orientação do Profa. Ma. Gessica Filgueiras Milagre.

Aprovado em 02 de 02 de 2023.

BANCA EXAMINADORA:

(assinado eletronicamente)

Profa. Ma. Gessica Filgueiras Milagre

(assinado eletronicamente)

Profa. Ma. Késia Mendes Barbosa Oliveira

(assinado eletronicamente)

Profa. Ma. Ruskaia Fernandes Mendonça

Documento assinado eletronicamente por:

- **Kesia Mendes Barbosa Oliveira**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 22/02/2023 10:23:38.
- **Ruskaia Fernandes Mendonca**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 10/02/2023 18:50:12.
- **Gessica Filgueiras Milagre**, PROF ENS BAS TEC TECNOLOGICO-SUBSTITUTO, em 10/02/2023 18:34:25.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 29/01/2023. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 368533

Código de Autenticação: 5c132808ee



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Avenida Universitária Vereador Vagner da Silva Ferreira, Qd. 1, Lt. 1-A, Parque Itatiaia, APARECIDA DE GOIÂNIA / GO, CEP 74968-755
(62) 3507-5959 (ramal: 5959)



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

DADOS GERAIS DO TCC	
Curso	Licenciatura em Pedagogia Bilíngue
Título	A ROTINA DA EDUCAÇÃO INFANTIL EM UMA PERSPECTIVA FORMATIVA
Linha de Pesquisa	Fundamentos dos processos educativos
Estudantes	Isabella Gonçalves dos Santos Mota
Orientador (a)	Profa. Ma. Gessica Filgueiras Milagre
Data da defesa	02/02/2023
Local da defesa	IFG campus Aparecida de Goiânia
Horário da defesa	20h e 30min

COMPOSIÇÃO DA MÉDIA FINAL DO TCC (escala: 0,0 – 10,0)	
Avaliação da Banca Examinadora	$M = \text{Orientador} + \text{Examinadorexterno} + \text{Examinador IFG 3}$
AVALIAÇÃO DO TCC	
MF - MÉDIA FINAL	9,0
Tendo por base a avaliação e média final obtida do TCC, a banca examinadora julga o TCC como:	
☒ APROVADO SEM RESTRIÇÕES (MF $\geq$ 6,0).	
☐ APROVADO COM RESTRIÇÕES (MF $\geq$ 6,0) e apresenta indicações de correções a seguir.	
☐ REPROVADO (MF < 6,0) e apresenta justificativa a seguir.	
Justificativa e/ou descrição das indicações de correções:	

Cientes da presente avaliação, assinam a seguir:

Orientadora(o):
(assinado eletronicamente)
Profa. Ma. Gessica Filgueiras Milagre

Examinadora(o) 1:
(assinado eletronicamente)
Profa. Ma. Késia Mendes Barbosa Oliveira

Examinador 2:
(assinado eletronicamente)
Profa. Ma. Ruskaia Fernandes Mendonça

De acordo com o artigo 23 da Resolução nº 28 de 11 de agosto de 2014, que dispõe sobre o Regulamento dos TCC dos cursos de graduação do IFG, deve-se ainda durante o ato de defesa:

"§ 2º Em caso de **aprovação sem restrições**, no ato da defesa, o termo de aprovação será assinado pelo orientador e pelos demais membros da banca de avaliação do TCC.

§ 3º Em caso de **aprovação com indicação de correções**, o termo de aprovação será assinado apenas pelos dois membros convidados para compor a banca, ficando a assinatura do orientador condicionada à conclusão adequada das correções sugeridas, que deverá ocorrer no prazo máximo de 30 dias." (grifo nosso)

Dessa forma, caso o TCC seja **APROVADO COM RESTRIÇÕES**, o(s) estudante(s) se compromete(m) a realizar as correções indicadas pelos membros da banca examinadora, bem como o(a) orientador(a) se compromete a verificar se alterações foram devidamente realizadas.

Documento assinado eletronicamente por:

- Kesia Mendes Barbosa Oliveira, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 13/02/2023 08:25:40.
- Ruskaia Fernandes Mendonca, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 10/02/2023 18:50:35.
- Gessica Filgueiras Milagre, PROF ENS BAS TEC TECNOLOGICO-SUBSTITUTO, em 10/02/2023 18:34:42.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 29/01/2023. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 368532
Código de Autenticação: 3e32bd9008



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Avenida Universitária Vereador Vagner da Silva Ferreira, Qd. 1, Lt. 1-A, Parque Itatiaia, APARECIDA DE GOIÂNIA / GO, CEP
74968-755
(62) 3507-5959 (ramal: 5959)

À minha família companheira nas conquistas.
À Natan, esposo incentivador que sempre acreditou que eu
seria capaz.

AGRADECIMENTOS

Escrever um projeto de pesquisa e realizar a investigação, relatando-a no formato monográfico para uma universitária de primeira viagem não é fácil e, às vezes, me senti solitária. Mas, durante a escrita me lembrei do princípio, do momento em que ingressei no Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Goiás – IFG, Câmpus Aparecida de Goiânia. Aí foi perceptível que essa pesquisa só foi possível graças a inúmeras pessoas que cruzaram o meu caminho.

- Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter me mantido firme mesmo diante de várias perdas pessoais.

- Meus sinceros agradecimentos ao meu esposo Natan que acreditou em mim desde o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), sendo meu parceiro e incentivador. Saiba que, sem seu apoio diário eu não chegaria à conclusão deste trabalho.

- A minha filha Maitê, que desde o meu ventre me incitou para a conclusão desta pesquisa.

- Gratidão à minha mãe Hosania, minha irmã Nathalia e minha sogra Luciene que sempre me apoiaram. Um agradecimento especial para duas pessoas importantíssimas que infelizmente perdi durante a graduação, meu padrasto Sebastião Jovêncio, que com muita rigidez sempre me incentivou, torceu pelo meu sucesso e fez o possível para que esse momento acontecesse; e ao meu pai Rubéns Paulo que veio a óbito durante a escrita do projeto de pesquisa que antecedeu a investigação e apesar do sofrimento me deu forças para concluir mais um ciclo.

- Aos meus amigos, colegas de classes e meus professores, saibam que de alguma forma vocês contribuíram para que eu chegasse aqui.

- Não posso deixar de agradecer a todas as Instituições que abriram as portas para que eu pudesse adquirir bagagem suficiente para a escrita desta monografia.

- Quero agradecer de todo o meu coração a minha primeira orientadora Profa. Dranda. Késia Mendes Barbosa Oliveira, que me deu um norte para a temática desse trabalho, sempre muito compreensiva ouviu minhas angústias pessoais, me ajudou a controlar minha ansiedade, melhorou minha escrita, passou-me confiança e fez de mim uma pesquisadora.

- Para finalizar, quero agradecer a minha orientadora Profa. Ma. Géssica Filgueiras Milagre, que aceitou dar continuidade na orientação deste trabalho. Obrigada pela compreensão e cuidado para comigo.

RESUMO

Esta monografia tem como tema os elementos constituintes da rotina na Educação Infantil e objetiva compreender quais são suas possibilidades formativas. A proposta metodológica, de cunho teórico e bibliográfico, parte da reconstrução da gênese da rotina e sua inserção no campo educacional para daí se dedicar a análise das potencialidades formativas de seus elementos constitutivos. A concepção de rotina, fundamentada em autores como: Barbosa (2000), Batista (1998), Carvalho (2017), Coutinho (2012) e Enguita (1989) que baliza essa proposta de investigação, a toma como instrumento de controle do tempo, do espaço, das atividades e dos materiais no contexto da educação infantil, sendo também potencializadora da formação a partir de uma ressignificação de seu uso. Através de experiências vivenciadas por esta pesquisadora que vos escreve, esse trabalho foi ganhando forma alinhado com grandes autores da educação infantil. Após um longo período de pesquisa bibliográfica, pode-se dizer que a rotina auxilia e pode ser um recurso para o professor; para a criança, traz aconchego, segurança e previsibilidade. Quanto aos resultados espera-se que este estudo possa ajudar os profissionais da educação infantil a organizarem a rotina em sua sala de aula, em uma perspectiva mais ampla, usando o cotidiano ao seu favor, proporcionando assim momentos agradáveis para as crianças, com brincadeiras, aprendizado e afeto.

Palavras-chave: Rotina. Educação Infantil. Elementos da rotina.

ABSTRACT

This monograph has as its theme the constituent elements of the routine in Early Childhood Education and aims to understand what are its formative possibilities. The methodological proposal, of a theoretical and bibliographical nature, starts from the reconstruction of the genesis of the routine and its insertion in the educational field to then dedicate itself to the analysis of the formative potentialities of its constituent elements. The conception of routine, based on authors such as: Barbosa (2000), Batista (1998), Carvalho (2017), Coutinho (2012) and Enguita (1989) that guides this research proposal, takes it as an instrument of time control, of space, activities and materials in the context of early childhood education, also being a potentiator of training from a re-signification of its use. Through experiences lived by this researcher who writes to you, this work was taking shape in line with great authors of early childhood education. After a long period of bibliographic research, it can be said that the routine helps and can be a resource for the teacher; for the child, it brings coziness, security and predictability. As for the results, it is expected that this study can help early childhood education professionals to organize the routine in their classroom, in a broader perspective, using everyday life to their advantage, thus providing pleasant moments for children, with games, learning and affection.

Keywords: Routine. Early Childhood Education. Elements of the routine.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. ROTINA: CONCEITO E FUNDAMENTOS SOCIO-HISTÓRICOS.....	16
1.1 O que são as rotinas?	16
1.2 Rotina: gênese e constituição social	19
2. A ROTINA COMO UMA CATEGORIA PEDAGÓGICA.....	24
2.1. A rotina como uma categoria pedagógica	24
2.3 A rotina, sua estrutura e modos de funcionamento	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

Meu interesse pela educação infantil surgiu em 2015, no último ano do ensino médio, quando pude ter contato direto com a prática pedagógica de um CMEI. Naquela época me sentia direcionada para uma graduação na área da saúde, mas a rotina e o convívio com as crianças me redirecionaram para onde me encontro hoje. Estudava em um colégio público no período matutino e ao final da aula minha mãe me buscava, e levava para o seu local de trabalho, em um Centro Municipal de Educação Infantil - CMEI que fica localizado em Aparecida de Goiânia.

Geralmente, quando eu chegava na instituição estava na hora do sono das crianças e eu observava o comportamento delas e conversava com as pedagogas. Algumas pareciam odiar a profissão, mas outras demonstravam muito apreço e dedicação em todas as atividades que iam realizar e através desses diálogos e convivências meus olhos se abriram para a educação. Comecei a frequentar o CMEI nos dias que eu não tinha aula e acompanhava todo o período da manhã. Em dias atípicos em que educadora ou auxiliar faltavam eu ia para dentro da sala e ajudava da forma que fosse possível. Observava as crianças conversando, brincando, se desentendendo, se alimentando etc.

Em 2017, ingressei no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – IFG, Câmpus Aparecida de Goiânia, no curso de Pedagogia Bilíngue – Libras/Português e, em 2018, consegui minha primeira vaga de emprego como estagiária em uma instituição de ensino particular renomada e bastante conhecida, com o horário de entrada às 11h30min e saída às 17h30min.

Durante o ano letivo auxiliei na educação infantil com crianças de 05 anos, a rotina era composta por aulas de balé, karatê, dança, teatro, psicomotricidade, inglês, música e informática. A sala era composta por 25 crianças, dentre eles com Síndrome de *Down*, que deveria acompanhar as outras crianças em todas as atividades sem nenhuma adaptação. Mesmo com a rotina cheia, as crianças tinham tempo livre para brincar livremente, mas no geral, era uma escola que se preocupava mais com a família/cliente do que com a criança que frequentava a instituição diariamente. Como funcionária não achei a escola acolhedora e me desvinculei no final do ano de 2018.

Em 2019, recebi uma proposta para assumir a sala como professora estagiária em outra Instituição, em período integral. Me senti insegura, mas decidi aceitar o desafio. A escola era pequena e só tinha a professora regente e de inglês, não havia outros professores de área como psicomotricidade, informática, balé etc. Meu horário era das 06h30 às 17h00, sem intervalo, a visão da escola e sua organização era totalmente oposta à da Instituição anterior. No período da manhã as crianças não tinham um horário certo para chegar, durante o turno eram feitas algumas atividades, brincadeiras e as tarefas de casa, a turma era composta por 12 alunos entre 3 a 6 anos. As 11h00 elas almoçavam e depois dormiam, às 13h00 eu me dirigia para a sala do maternal e jardim 1, como eram poucas crianças eu me dividia entre as duas turmas. Eu estava com quatro alunos no jardim 1, incluindo uma criança Autista e uma Síndrome de *Down*, e dois alunos no maternal em fase de desfralde. Como eu não tinha horários vagos e eles não tinham horário específico de recreio, no final da aula íamos para a quadra poliesportiva para uma breve recreação, por volta das 17h00 quando meu expediente se encerrava.

Em 2020, comecei o ano em uma Instituição no período integral das 6h30min até 17h30min. Foi entregue a mim, uma sala de aula com 20 alunos de 05 anos, em ambos períodos. Mesmo sendo educação infantil, essas crianças deveriam aprender a ler e escrever com letra cursiva, o livro didático não era integrado, era um livro para cada disciplina e todos os dias eram enviadas fichas de leitura para casa. Na escola não havia espaço para as crianças brincarem e todas as atividades deveriam ser realizadas dentro da sala de aula. Como professora, deixei a frustração tomar conta, a coordenação exercia um regime autoritário e não havia abertura para diálogos e mudanças. As famílias aguardavam ansiosas para verem suas crianças praticando leitura através de vídeos nas redes sociais da escola. Sem liberdade para exercer o trabalho que eu gostaria com a educação infantil, abandonei o emprego, deixando para trás uma rotina autoritária e arcaica.

E foi assim que essa pesquisa ganhou forma. A partir e após experiências vivenciadas por mim, tive minha primeira orientação com a Professora Dranda Késia Mendes em que pude relatar meu incômodo com a rotina nas instituições de educação infantil no percurso que eu já havia trilhado na educação. Foi aí que notamos que o olhar para a rotina pedagógica vem me acompanhando mesmo antes de iniciar o curso de Pedagogia. Essa primeira conversa foi ganhando densidade em razão das muitas leituras e discussões que realizamos, culminando

na elaboração da seguinte questão de pesquisa: Quais as origens da rotina na educação infantil em uma perspectiva formativa? Essa questão está contemplada, desta forma, no objetivo geral dessa investigação, qual seja compreender quais são os elementos que compõe a rotina na educação infantil e suas possibilidades formativas.

Para responder a essa pergunta, reuni algumas questões norteadoras que me ajudaram a organizar minha pesquisa. O que são as rotinas? Quais são as origens da rotina na sociedade? E na educação infantil? Como a rotina se consolidou na pedagogia da educação infantil?

De acordo com as questões que deveriam ser respondidas, conceituei as rotinas através de leituras que fiz de Enguita (1989), que esclarece ser no período pré-industrial, onde os artesãos foram obrigados a deixar a vida no campo e migrarem para as indústrias, seguindo regras e horários ditados pelo capitalismo. Batista (1998), pontua a importância que atribuíam ao tempo no período industrial, o tempo passa valer dinheiro, isso significava jornadas de trabalho exaustivas, sem descanso de qualidade, má alimentação e privação de sono.

Em sua tese Barbosa (2000) explica que a palavra rotina foi definida quando se tornou necessário um nome para definir práticas já existentes. A rotina define os horários, o emprego do tempo, a sequência de ações e suas variações. Paulatinamente, no contexto da emergência da Modernidade a rotina foi se tornando um aspecto presente na educação das crianças, passando a modular e a estruturar mentes e corpos.

A problematização sobre as rotinas na Educação Infantil se insere nas discussões sobre a infância, a criança e sua educação fora do contexto doméstico. De acordo com Oliveira (2011), na Idade Média as crianças eram vistas como um adulto em miniatura. Naquela época não havia sentimentos pelas crianças como hoje, uma vez que elas se vestiam e trabalhavam como adultos e eram facilmente substituíveis, pois não havia afeto familiar. Não possuíam nenhum direito, porquanto não eram consideradas sujeitos.

Segundo Barbosa (2000), o campo da Pedagogia da Educação Infantil emergiu de forma sistemática, nos séculos XVIII e XIX, iniciando sua trajetória vinculada à Filosofia. Rousseau foi uma das primeiras pessoas que discutiu a infância. Em seu livro *Emílio*, escrito na transição da Idade Média para a Modernidade, defendia que a criança precisava crescer livre porque, para ele, a

Educação deveria ser um processo no qual a sensibilidade humana necessitava ser despertada e valorizada já na infância.

Embora já houvesse a emergência de uma defesa, em tese, dos tempos da infância e da criança, na prática o início da Modernidade é caracterizado por um atendimento realizado fora da esfera familiar, cuja a gênese é marcada pela ênfase no cuidado materializado ora pelo assistencialismo, presente nas instituições de caridade que recolhiam os órfãos e os abandonados, ora pela concessão das fábricas e indústrias, ou ainda em outros lares pouco estruturados para estes fins, que criavam espaços para receber os filhos das trabalhadoras.

Como a maioria da mão de obra masculina estava na lavoura, as fábricas criadas na época tiveram de admitir grande número de mulheres no trabalho. O problema do cuidado de seus filhos enquanto trabalhavam não foi, todavia, considerado pelas indústrias que se estabeleciam, levando as mães operárias a encontrar soluções emergenciais em seus próprios núcleos familiares ou em outras mulheres, que se propunham a cuidar de crianças em troca de dinheiro (OLIVEIRA, 2011, p. 95).

No contexto da contemporaneidade, no Brasil, apenas nos anos 1970 é que foram criados ambientes denominados creches em que as mães poderiam deixar seus filhos para irem trabalhar. Considerado ainda como um benefício e não como um direito, essa concessão não foi motivada por uma preocupação com a educação das crianças, todavia se filiava ao atendimento das necessidades do mercado de trabalho por mão de obra ao liberar a família dos cuidados com a criança.

Somente no final do século XX alguns direitos se fizeram presentes nos ordenamentos legais. A Constituição Federal de 1988 foi um divisor de águas para a conquista dos direitos das crianças e adolescentes. No artigo 7, inciso XXV, do Capítulo dos Direitos e Garantias Individuais e Coletivas, o Estado se compromete com o atendimento gratuito para meninos e meninas de zero a seis anos, em creches e pré-escolas. Tal conquista legal ensejou outras materializadas em 1996, momento em que a Educação Infantil foi incluída na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB n. 9.394/96. A partir de então, por essa lei, a Educação Infantil passa a integrar a Educação Básica, assim como o Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

Além das conquistas legais, a passagem – em algumas cidades e estados brasileiros – da responsabilidade, pelo o atendimento da população de 0 a 5 anos da área da saúde e da assistência social para a área educacional demonstra uma nova concepção das necessidades e dos direitos das crianças (BARBOSA, 2000, p. 16).

A partir daí, há todo um reconhecimento do papel da educação infantil e de seus elementos constituintes. Para Barbosa (2000), a educação infantil é constituída de relações educativas entre crianças-crianças-adultos através da expressão, do afeto, da sexualidade, dos jogos, das brincadeiras, das linguagens, do movimento corporal, da fantasia, da nutrição, dos cuidados, dos projetos de estudos em um espaço de convívio onde deve haver respeito pelas relações culturais, sociais e familiares.

Embora as pesquisas tenham trazido inúmeras contribuições para a educação na infância, a compreensão e a prática educativa ancoradas em uma pedagogia da educação infantil, ainda não se efetivaram na rotina de muitas instituições. Por isso, é comum ouvir “a professora deve seguir o plano de aula”, “o plano é feito para seguir uma rotina”, mas os sujeitos do espaço se questionam porque a rotina é importante? Barbosa (2000) descreve em sua tese que a importância das rotinas na educação infantil estabelece uma visão paradigmática de uma concepção de educação e cuidado. A rotina além de vários outros fatores, pode ser para a criança um acalento, conforto e segurança, ou de forma pejorativa, pode traumatizar e causar angustias. Por me questionar demais sobre as rotinas das instituições onde passei, resolvi abordar este problema, buscando respostas e esclarecimentos de um elemento muito usado e pouco estudado.

A rotina é fundamental dentro das escolas, alicerce para o pedagogo (a), desde o planejamento, a organização das salas e recursos. Minha angústia em relação a rotina, foi quando presenciei em algumas instituições rotinas autoritárias, em que as crianças não eram o foco, e a única função dada a elas eram a obediência. Especialmente por estas experiências negativas, decidi escrever esta monografia que se fundamenta na abordagem qualitativa que segundo Gil (2010) se baseia em uma perspectiva interpretativa do mundo, considerando os elementos sociais, culturais e históricos que constituem o objeto de pesquisa. Dessa forma, opta-se também por uma investigação teórica e bibliográfica da rotina na educação infantil.

Portanto, essa investigação toma como ponto de partida a reconstrução da gênese da rotina. O segundo momento se dedicará a situar a emergência e a centralidade da rotina no campo educativo. Já o terceiro e último momento é construído pela apresentação e análise dos elementos constitutivos da rotina na educação infantil e suas possibilidades formativas.

No primeiro momento os autores e as autoras que constituíram a base do diálogo foram Barbosa (2000), Batista (1998), Carvalho (2017), Coutinho (2012) e Enguita (1989). Em seguida, para abordar a rotina como uma categoria pedagógica central nas pedagogias da educação infantil, busquei referência em Horn (2004), Lima (2010), Zabalza (1998). E por fim, para analisar e fundamentar as rotinas das pedagogias da educação infantil e as possibilidades de ressignificação no cotidiano das práticas educacionais, os autores e as autoras que embasaram a investigação foram Guattari (1987), Oliveira-Formosinho (2007), além daqueles já citados anteriormente.

Por fim, achei importante dizer como essa pesquisa surgiu. Trouxe alguns relatos de experiências vivenciados por mim, desde a adolescência em que observava indiretamente a rotina na Educação Infantil. O período em que pude fazer estágios na rede privada também favoreceram para um olhar pedagógico e observador necessários para o desenrolar da pesquisa, além disso busquei embasamento teórico em grandes autores que são citados no decorrer dos capítulos. Ao fim dessa monografia, foi possível compreender quais são as origens da rotina na pedagogia da educação infantil; por meio de autores que se basearam desde o período industrial. Pude refletir e questionar sobre como a rotina se consolidou e tem conquistado seu espaço na pedagogia da educação infantil; abrangi quais são os elementos constitutivos das rotinas como categoria pedagógica e refleti sobre as possibilidades formativas dos elementos constitutivos da rotina, considerando as concepções de criança, infância e prática pedagógica.

1. ROTINA: CONCEITO E FUNDAMENTOS SOCIO-HISTÓRICOS

Considerando a rotina como tema desta investigação, no presente capítulo faremos uma reflexão sobre o que são as rotinas, qual sua gênese e constituição social baseado em autores e autoras como Enguita (1989), Batista (1998), Barbosa (2000). Assim, o objetivo deste capítulo é reconstruir a emergência da categoria rotina, tomando-a como construção histórico-social que atende e gera necessidades humanas.

1.1 O que são as rotinas?

Quando iniciei a pesquisa sobre rotinas fiquei confusa e um tanto desorientada. Como falar de um tema que aparentemente muito já se sabe a respeito? No senso comum, a palavra rotina é usada diariamente, pois pouco pensamos sobre o que são de fato as palavras e, por vezes, as tomamos como dadas, fixas, prontas. A palavra rotina é uma dessas palavras amplamente utilizadas em todos os extratos sociais, geralmente pouco acompanhada de reflexão. Acontece que eleger um objeto de pesquisa requer justamente uma postura contrária, que desvela as coisas de sua aparência de “naturalidade” e as examina naquilo que as engendra e constitui. Difícil exercício, mas repleto de significados e surpreendente em todos os sentidos.

O significado da rotina aqui extrapola as significações do senso comum para considerá-la como objeto de pesquisa a ser elaborado a partir de uma perspectiva rigorosa de análise. Dessa forma, no decorrer desta pesquisa irei apresentar alguns diversos conceitos que a rotina possui.

De acordo com Cunha (2000, apud BARBOSA), a palavra rotina surgiu no francês como *route* e seus primeiros registros foram feitos na Idade Média. Na Língua Portuguesa a palavra só aparece em 1844, tendo como conceito um caminho, uma direção a ser seguida. Nos dicionários da Língua Inglesa, *routine*

significa uma sequência de instruções para realizar alguma determinada tarefa. Já na Língua Italiana, a palavra *routine* complementa as significações tradicionais. Os italianos veem a rotina de forma negativa, entediante, que teria o poder de impregnar as ações de monotonia, e por se limitar a uma sequência de ações traria prejuízos para a criatividade.

Já no dicionário Aurélio (1988, p.578), a palavra rotina pode significar um caminho percorrido de maneira rotineira, uma sequência de atos que ocorre pela força do hábito, uma prática. No dicionário didático de Português, por sua vez, a rotina é compreendida como atos que se repetem sempre da mesma maneira, com horários e ações definidas, de forma mecânica. O termo rotina, na área da saúde, é bastante utilizado para instruir determinada sequência de atividades ao realizar contato com o paciente.

Ainda sobre esse conceito, Campagne esclarece que rotina: é “um processo até certo ponto mecânico para fazer ou ensinar alguma coisa. (...) um uso, uma prática transmitida e tornada habitual, sem princípios de razão para a regular ou para a justificar (CAMPAGNE, s.d, apud BARBOSA, 2000, p. 50).

Como descrito pelo autor acima, rotina é um processo mecânico, uma prática habitual e sem razão ou princípios para justificar. Mas, no decorrer desta pesquisa, serão apontados alguns fatores do porquê da rotina, e como ela integrou o cotidiano desde a Idade Média. A rotina ganhou grande importância, e se faz presente a ponto de sua ausência ser sinônimo de desorganização. Ponto positivo para o capitalismo, que usa em seu favor e organiza a rotina do proletariado.

Na visão de Barbosa (2000), as rotinas não aconteceram de forma natural como alguns hábitos das sociedades, surgiram, inicialmente, para que as religiões conseguissem controlar seus fiéis. A igreja católica, por exemplo, aplicou uma rigorosa rotina de jejum, penitências, provas de obediências, confissões e outros métodos, com uma rigidez que afastava os membros dos prazeres terrenos, não permitindo espaço para o acaso, deixando tudo ordenado e previsível.

Sob este aspecto as rotinas podem se tornar alienação, fazendo com que o indivíduo a siga sem questionamentos, sem entender porque está fazendo tal atividade em determinado horário e sequência, e tão pouco refletir sobre suas ações.

Barbosa (2000) explica que, apesar de rotina e cotidiano serem sinônimos, é importante destacar que cada um possui suas especificidades e, por isso, não

podem ser alinhados com um mesmo significado. Foi no século XVIII, através da arte que cientistas sociais descobriram a originalidade do cotidiano, através de pinturas de quadros e livros de romance.

Para Barbosa:

[...]rotinas podem ser vistas como produtos culturais criados, produzidos e reproduzidos no dia-a-dia, tendo como objetivo a organização da cotidianidade. São rotineiras um conjunto de atividades, como cozinhar, dormir, estudar, trabalhar e cuidar da casa, reguladas por costumes e desenvolvidas em um espaço e tempo social definido e próximo, como a casa, a comunidade ou o local de trabalho (BARBOSA, 2000 p. 43).

A rotina é apenas um elemento que compõe o cotidiano, ela o organiza, e é composta por um conjunto de atividades diárias que são reguladas em um espaço e tempo definido como lavar, passar, cozinhar, estudar, trabalhar etc. Por isso mesmo a rotina se torna importante para organizar a vida, dado que seria muito difícil todos os dias pensar em aspectos do cotidiano.

Sobre esta distinção, Barbosa (2000) salienta que o cotidiano é mais abrangente pois nele acontecem atividades repetitivas e rotineiras em que eventos inesperados podem acontecer. Diferente da rotina, o cotidiano possui brechas para acontecimentos extraordinários. Por exemplo, ninguém sai de casa planejando um pneu furado, uma pane no motor do automóvel, ou eventualidades como essas que o cotidiano pode contemplar.

A rotina se faz presente diariamente em nossas vidas, o que nos faz pensar que conhecemos o seu conceito e viabilidade. Ela organiza o tempo, e é muito importante no meio escolar, visto que a escola segue padrões de organizações e horários. De acordo com Barbosa (2000) a rotina só se aproximou da educação, depois que nas definições dos dicionários da Língua Francesa, foi sugerido que as rotinas são habilidades que se aprende na prática e não de forma teórica e que o aluno deve seguir uma rotina. Assim, a rotina pode se tornar presente também na vida de um animal irracional, pois na prática ele aprende que o dia é dividido em momentos, como: horário para se alimentar, horário para passear. Demonstrando que rotina não está ligada somente a teoria, mas no desenvolvimento de habilidades em cumpri-la.

Barbosa (2000) pontua que, de acordo com os dicionários idiomáticos a rotina não é exclusiva da espécie humana, pois elas são encontradas nas atividades

instintivamente dos animais. Um animal doméstico como o cachorro por exemplo, que está habituado a passear duas vezes ao dia, sendo os passeios destinados para suas necessidades fisiológicas e brincadeiras em um espaço determinado com horários estabelecidos no período da manhã e da noite, apreenderá que aquela rotina precisa ser seguida. Caso isso não ocorra, ele chamará atenção de seu dono ou dona de outras possíveis formas, como: latir, chorar, fazer xixi nos locais proibidos, ou destruir objetos.

Estudar a rotina foi desafiador, isso porque aparentemente seu conceito já é dado pela sociedade como pronto. Com estudos baseados na gênese da palavra juntamente com autores como Enguita (1989), Batista (1998) e Barbosa (2000) tracei nesse primeiro capítulo todo o contexto da rotina.

No dicionário virtual, define-se rotina como um “hábito de fazer algo sempre do mesmo modo, mecanicamente;” (ROTINA, 2022) já o cotidiano “que acontece diariamente; que é comum a todos os dias; diário.” (COTIDIANO, 2022). Como dito no tópico acima, o cotidiano é mais abrangente e dá espaços para possíveis eventualidades, já a rotina não. Na rotina só acontece aquilo que já estava devidamente prescrito, e por isso que, no caso de algum incidente ouvimos que “saímos da rotina”.

Neste conceito, busquei trazer os valores relacionados a rotina, em seu significado geral e educacional. Respondendo por meio da leitura e escrita o viés de questionamentos levantando por mim a partir das minhas vivências em diferentes instituições. Mas, antes de aprofundarmos na rotina que vivenciamos na educação, precisamos entender sobre a gênese da palavra e como aconteceu sua constituição social.

1.2 Rotina: gênese e constituição social

A palavra rotina surgiu para nomear práticas que já haviam se constituído há algum tempo como exposto no início desse capítulo. Desde o surgimento da palavra, a rotina ganhou tamanha centralidade que hoje, com a facilidade de acesso a informações, em uma breve pesquisa é possível verificar que há rotinas para todos os tempos da vida – desde bebês recém-nascidos à vida na terceira idade.

As rotinas foram constituídas socialmente e politicamente muito antes de figurarem nas discussões educacionais. A própria forma como julgamos o trabalho e o tempo de cumprimento do mesmo está ligada a essa construção social. Segundo Enguita (1989), hoje as pessoas não têm paciência para esperar um garçom que não seja tão ágil, se estressam ao ver dois funcionários conversando durante o expediente, mesmo sabendo que aquele trabalho não é estimulante. Também é comum considerar que as oito horas devem ser cumpridas para fazer jus ao salário. A grande maioria dos trabalhadores não pode controlar seu próprio tempo, tendo uma carga horária que deve ser cumprida, além de se submeterem às regras e regimento da empresa.

Recapitulando a gênese da rotina e sua importância, é impraticável não ressaltar a rotina de modo geral. Afinal, se tornou cultural seguir uma rotina, seja ela de trabalho, estudos, familiar, lazer e datas comemorativas. Ficamos confortáveis quando temos uma previsibilidade. Peter McLaren, (1991, p.314) assegura que

...o caos e a ordem são rituais correlacionados e que todos nós precisamos de alguma previsibilidade, nos nossos esforços do dia-a-dia, para que nos sintamos confortáveis e seguros.

Também precisamos de uma previsibilidade, afinal como seria se não tivéssemos horários para seguir uma rotina de trabalho? Ou, se fossemos trabalhar somente no dia em que fosse de nossa própria vontade sem precisar seguir uma rotina? A rotina hoje, auxilia no arranjo de nossos dias e faz parte das nossas vidas. Mas, não foi criada com o intuito de ajudar na nossa organização, e sim a vida nas indústrias, no período industrial.

Enguita (1989) pontua que nas economias pré-industriais os homens poderiam ser donos do seu próprio tempo, deixando a seu critério o tempo de trabalho e seu tempo de descanso. O trabalhador por conta própria podia teoricamente, ter controle do tempo de trabalho e ócio. Com o período industrial, o ritmo de trabalho é modificado e o trabalhador passa a ser subordinado.

A maquinaria estabelece um ritmo mecânico ao qual o trabalhador, como seu apêndice, tem que se subordinar, incorporando em seu mecanismo uma regulação do tempo e da intensidade que, sem ela, exigiria elevados custos de supervisão. (ENGUITA, 1989, p. 16)

De acordo com Enguita (1989), o homem precisa seguir o ritmo da indústria, ser subordinando ao controle do tempo e intensidade das máquinas. Para os camponeses seguir o ritmo da indústria, era muito difícil.

Para os camponeses tornava-se muito difícil adaptar-se às novas condições de trabalho da fábrica. Acostumados ao trabalho ao ar livre, aos ritmos sazonais, aos abundantes dias de festa, a poder abandonar as tarefas a qualquer momento, em suma, a seguir seu próprio ritmo em vez de um calendário, um horário e um ritmo impostos, não podiam deixar de sofrer um violento choque. (ENGUITA, 1989, p. 39)

Na sociedade pré-industrial o mesmo espaço utilizado para as atividades diárias, também era utilizado para funções produtivas e o desenvolvimento familiar. Os camponeses exerciam suas atividades diárias ao ar livre, e quando desejassem parar as atividades, eles podiam, pois eram seus próprios chefes. Sendo assim, no período industrial eles se sentiram reféns do trabalho forçado nas fábricas, e para fugir eles pegavam suas famílias e iam viver longe da cidade. Enguita (1989) explica que, o tecedor e o artesão eram donos do seu próprio tempo, fazendo assim sua jornada diária conforme fosse do agrado. E mesmo que o empregador pudesse dobrar seu salário tecendo mais peças, isso não despertava interesse, pois eles pensavam somente no hoje e não no amanhã. A partir do período industrial, o tempo passa a ser monitorado. O tempo trabalhado passa a valer dinheiro, e o tempo ocioso significa prejuízo e preguiça. O relógio passa a ser o principal instrumento para o controle de excelência, garantindo uma rotina rigorosa que o mercado de trabalho passa a exigir.

A maioria das pessoas que chegam à idade adulta encontram já uma série de condições dadas: não existe para elas outra via disponível de obtenção de seus meios de vida senão o trabalho assalariado, este goza já de aceitação social, os que o rejeitam têm sido relegados a uma posição marginal e a cultura dominante bendiz e reproduz tudo isto. (ENGUITA, 1989, p. 30)

O trabalho passou a ser visto como algo que dignifica o homem, e a maioria dos adultos já são introduzidos automaticamente nesse meio e quem não for assalariado é considerado marginal e sem caráter. Como naquela época os hábitos culturais eram marcados pela irregularidade e a indisciplina, os locais em que os

homens tinham o controle sobre o trabalho consistia em longos períodos de trabalho intenso e ociosidade.

Batista (1998) explica que a atividade do trabalhador determinava o tempo:

Uma das principais transformações diz respeito à necessidade do trabalho regular e sincronizado, que vem sobrepujar o trabalho realizado no seio da família, ou ainda nas oficinas artesanais, onde mestres e aprendizes regulavam o tempo pela ocupação e pelas necessidades reais de existência. Não era o tempo a priori que determinava a atividade, mas ao contrário, era a atividade que determinava o tempo (BATISTA, 1998, p.31).

O trabalho era regular e sincronizado de acordo com o tempo de ocupação e necessidades de existência. Batista pontua que o tempo não é algo natural, mas sim uma produção histórica formulada nas relações políticas e sociais, organizadas a partir de suas transformações que acontecem a partir da industrialização e urbanização.

De acordo com Batista (1998), Thompson realizou um estudo sociológico do tempo em que foi feita uma análise a respeito das transformações do tempo, enquanto categoria cultural, na sociedade industrial. Através de artigo, ele esclarece de forma poética sobre a passagem do tempo natural ao tempo racional do relógio. O tempo adentrou na sociedade com rigores da moral puritana, as pessoas seguiam os ponteiros dos relógios como um princípio e ética protestante. O trabalho que era visto como um bem para a alma, torna-se um grande inimigo da virtude para aquele que não tem uma mentalidade formada. O tempo além de dinheiro, se tornou fundamental no cotidiano das pessoas. A igreja pregava a disciplina do tempo, engrandecendo o capitalismo que estava em ascensão, e assim o homem que trabalha é digno, de boa índole e merece a salvação, pois segundo a igreja a recompensa do trabalho é a felicidade eterna.

Além do trabalho, o tempo passa a controlar a vida dos sujeitos, seus hábitos, costumes, vivências, personalidades e etc. O tempo converte-se em mercadoria, e muda absurdamente o tempo das famílias, adentrando em seus lares e se tornando um relógio moral. Com os adultos passando mais tempo nas indústrias, as crianças passaram a brincar nas ruas, e esse hábito desagradou o reverendo J. Clayton que classificou as crianças como “esfarrapados e desocupados”, sugerindo que as escolas ensinassem ofícios, ordem e pontualidade. Em 1770, Willian Temple

sugeriu que as crianças fossem mandadas para os locais de trabalho a partir dos quatro anos de idade, onde seriam disponibilizadas duas horas para as atividades escolares, e no restante do tempo poderiam trabalhar, de forma que ficassem pelo menos doze horas por dia ocupadas, garantindo assim que no futuro, a cultura operária seja vista de forma alegre e agradável. ...” (THOMPSON, 1991 apud BATISTA, 1998 p.33-34). Essa seria uma tentativa de submeter ainda mais cedo as crianças à rotina de trabalho, de forma a dominar seus corpos e mentes e torná-las produtivas e dóceis. Naquela época o papel da escola era o de acalmar o comportamento das crianças, fazendo com que elas fossem mais obedientes, moldando futuros trabalhadores braçais alienados que agregariam no exército de anônimos nas fábricas.

Na escola, as crianças aprendiam rigorosamente a importância de seguir regras e horários, ou seja, a seguirem uma dura rotina. De acordo com Barbosa:

A rotinização do trabalho na indústria fez com que se tornasse possível utilizar uma mão-de-obra desprovida de conhecimentos técnicos, que apenas aprendia a realizar tarefas simples e que poderia ser rapidamente substituída. (BARBOSA, 2000, p. 73)

Para facilitar o trabalho na indústria, as crianças passaram a serem robotizadas ainda na escola, assim poderiam trabalhar com mais eficiência nas indústrias. As escolas na Idade Média eram diferentes das atuais, segundo Hamilton (1992):

A palavra escola, na Idade Média, tinha um duplo sentido. Podia referir-se tanto a um grupo de pessoas como também ao recinto no qual o ensino era ministrado. A relação entre o professor e o grupo de alunos era privada e apresentava uma estrutura flexível. Hamilton cita três características que distanciam as escolas medievais das atuais:

- a) os alunos nem sempre estavam aprendendo um mesmo assunto;
- b) os alunos não precisavam estar na presença do professor todo o tempo reservado aos estudos;
- c) depois de atingirem seus objetivos educacionais específicos, os alunos saíam da escola (op.cit., p.34). (apud, BARBOSA, 2000, p.74)

O tempo da vida escolar era decidido de acordo com o objetivo de cada aluno, não existia fases e nem divisões de etapas, era um método individualista em que o próprio aluno decidia até onde ir. Só depois, ainda na Idade Média surgiu a rotina, através do período industrial com o objetivo de obter maior controle dos

operários como foi citado no início do tópico, e só depois ganhou espaço na Educação.

Nos dias atuais, a rotina se faz tão presente e importante que se tornou um grande fator para a escolha da Instituição de Ensino, isso porque alguns pais não gostam de ver seus filhos com o tempo livre e grande parte das escolas da rede privada ofertam uma rotina exaustiva para a criança. E por ter vivenciado experiências em diferentes instituições, optei por falar sobre a rotina, no próximo tópico, aprofundaremos o conceito da rotina como categoria pedagógica central na educação infantil.

2. A ROTINA COMO UMA CATEGORIA PEDAGÓGICA

Neste capítulo, a rotina se ascende como categoria central, pontuando sua importância para a escola, pais e crianças. Mediante autores como Barbosa (2000), Jonh Locke (1986) e Batista (1998) buscarei entrelaçar diferentes aspectos da rotina e a educação infantil.

2.1. A rotina como uma categoria pedagógica

A rotina se faz presente desde meados da Idade Média. Na revolução industrial, as crianças seguiam uma rotina de trabalho para produzir e estudar, assim não ficavam ociosas e não havia tempo livre. A igreja católica também, seguia uma rigorosa rotina de ensino.

A rotina se tornou uma ferramenta extremamente importante nas instituições de ensino. Para os profissionais de educação, ela auxilia na organização e distribuição do tempo, para alunos e alunas, transmite sensação de acolhimento e não ficam ociosos, e para os pais e clientes, significa um bom investimento para o tempo usual que o filho ou filha ficará na escola. Barbosa (2000), afirma que as denominações dadas às rotinas são diversas, por se tratar de uma sequência de ações. Existem diversas opções de rotina, e esse tem sido um grande diferencial

entre as instituições privadas. Apresentada como cartão de visitas aos pais que vão conhecer a instituição, ela tem o poder de convencer o cliente a fazer a matrícula de seu filho ou não.

Segundo Barbosa:

A rotina pode tornar-se uma tecnologia de dominação quando não considera o ritmo, a participação, a relação com o mundo, a realização, a fruição, a liberdade, a consciência, a imaginação e as diversas formas de sociabilidade dos sujeitos nela envolvidos (2000 p.46).

A rotina pode ser apresentada como um cartão de visitas quando os pais vão conhecer as escolas; o horário de chegada e saída, o tempo de recreação, aulas com professores de área, e etc.; ou ainda um método mais rigoroso, onde a criança não possui tempo livre.

Barbosa (2000) afirma que o termo rotina foi criado para nomear as práticas que já estavam constituídas socialmente, alguns autores citam a rotina indiretamente desde os primeiros textos escritos sobre a educação infantil. Existem diversas maneiras de estabelecer rotinas, em algumas instituições a coordenação e direção criam e informam para alunos e funcionários o que deve ser seguido, em outras, toda a equipe pedagógica define juntos, a divisão de horário e as atividades propostas. E a mais incomum, é a rotina que professores e professoras têm total autonomia para dialogar com seus alunos, e ter a percepção de qual rotina se adequaria melhor a eles. “As suas rotinas devem visar o bem-estar das crianças, de modo que elas se sintam seguras e orientadas” (Barbosa, 2009). As escolas, creches e berçários precisam dar suporte para as crianças com segurança e acolhimento, pois muitas vivenciam maiores experiências nas instituições com seus professores, do que em casa com seus familiares.

É importante lembrar que

A ideia central é que as atividades planejadas devem contar com a participação ativa das crianças garantindo às mesmas a construção das noções de tempo e de espaço, possibilitando-lhes a compreensão do modo como as situações são organizadas e, sobretudo, permitindo ricas e variadas interações sociais. (DIAS, 2010, p. 13).

Como já citado nos capítulos acima, é relevante que a criança também participe da organização da rotina, pois a mesma também deve ser pensada visando o bem estar e conforto das crianças.

Dias (2010) afirma ainda que, a criança precisa ser o foco na rotina, se elas entendem o porquê daquela sequência de atividades, se adquirem certa noção de tempo, espaço e listas de tarefas a serem realizadas a rotina está de acordo com faixa etária e com o objetivo pedagógico concluído. Segundo o Instituto de Administração da Saúde [s.d] o cérebro da criança cresce aproximadamente 80% nos três primeiros anos de vida, isso significa que a criança está em constante aprendizado, este é um dos motivos da educação infantil ter um papel tão importante, pois é nessa faixa etária que ela desenvolve hábitos que percorreram até na vida adulta.

A rotina na Educação Infantil, é vista por vários autores como primordial. Para Warschauer (1993:66):

E através da rotina que o tempo e o espaço se estruturam para a criança (a hora da roda, a hora do lanche, a arrumação das mesas e dos materiais, etc.). A rotina orienta a criança a se organizar dentro de um espaço e de um tempo determinado(...), porém a rotina deve ser flexível, de modo a organizar os espaços e os tempos conforme as novas necessidades que surjam, caso contrário ela toma-se mecânica e sem sentido (Apud Batista, 1998, p.8)

Na minha última e mais recente experiência na Educação Infantil, com crianças de 2 anos pude vivenciar de perto a importância da rotina para eles. Em especial um aluno, em que repassa toda a rotina que tínhamos na escola durante a manhã, e no final ele perguntava se estava correto e se tínhamos alguma alteração no que ele havia afirmado. A rotina trazia para ele sensação de segurança e aconchego. Já a professora se incomodava um pouco com a forma repetitiva e ansiosa dele de querer saber cada passo que daríamos, ela acreditava que esse comportamento dele era reflexo da mãe, que todos os dias tinha dificuldade de deixa-lo na sala e ir embora. As outras crianças, ficavam bem e ainda afirmavam para o aluno em questão que não precisava chorar, pois a escola é legal.

Freire (1993 p. 163) pontua a importância da rotina, e em sua fala reforça minha experiência onde ressalta que a rotina “acelera e acalma”.

Rotina envolve tempo, espaço, atividade. Tempo-história, porque cada um tem o direito, a obrigação, o dever de ter a sua história na mão.(...) Tempo que envolve ritmo.(...) Ritmo significa pulsação pedagógica, ritmo que significa abre-fecha, direciona - observa, entra - sai, acelera - acalma.(...) o ritmo do grupo é constituído dos vários ritmos de todos. O papel do educador é reger estas diferenças rítmicas para a peça pedagógica." Rotina envolve constância e variação.

Freire (1993) explica que a rotina não precisa ser chata, monótona e que o profissional da educação que fará ela acontecer poderá acelerar ou diminuir o ritmo, abrir ou não espaço para novas direções. Por isso é muito importante que o pedagogo (a) faça planejamento pedagógico, pois ele dá um norte, uma direção do que deve ser feito naquele dia com as crianças.

O planejamento educativo deve ser assumido no cotidiano como um processo de reflexão, pois, mais do que ser um papel preenchido, é atitude e envolve todas as ações e situações do educador no cotidiano do seu trabalho pedagógico. Planejar é essa atitude de traçar, projetar, programar, elaborar um roteiro pra empreender uma viagem de conhecimento, de interação, de experiências múltiplas e significativas para com o grupo de crianças. Planejamento pedagógico é atitude crítica do educador diante de seu trabalho docente. (OSTETTO, 2000, p. 1)

O planejamento é categoria fundamental na rotina do corpo docente, é ele que dará instruções e metodologias do que provavelmente acontecerá no decorrer daquele dia, é importante que os professores da educação infantil saibam que as vezes só 20% do que foi planejado será realizado. O cotidiano é abrangente, fatores como o choro, um acidente, ou até mesmo as crianças se interessarem por uma borboleta que está no jardim, podem ser indícios que o que foi planejado não será cumprido, e novos rumos a aula seguirá.

Imprescindível lembrar que, o inesperado faz parte da Educação Infantil, e uma boa rotina deve estar aberta para coisas corriqueiras do cotidiano que venham acontecer. Para Oliveira (1992, p.76)

O estabelecimento de uma sequência básica de atividades diárias, a "rotina, "é útil para orientar a criança a perceber a relação espaço-tempo, podendo aos poucos prever o funcionamento dos horários da creche. Contudo, o acontecer de coisas novas, inesperadas, é fundamental para a ampliação das experiências infantis. (...)planejar atividades não se refere propriamente à previsão de uma sequência de atos que serão obrigatoriamente cumpridos, cabendo ao educador controlar para que as crianças participem obediente da mesma." Segundo a autora, esta forma de conduzir o trabalho "contraria a visão de criança ativa, motivada, capaz de decidir, que busca agir com o outro, a interagir com ele. (Apud, Batista, 1998, p.8)

Já Cardona, (1992 p.10) acentua que a rotina pode ser modificada conforme a necessidade, principalmente analisando o bem estar da criança.

O existir de uma "rotina" definitiva não é forçosamente sinônimo de "rigidez". Ao longo do ano, consoante os projetos que vão sendo desenvolvidos pelo grupo, esta vai sendo modificada. O que é fundamental é que estas transformações sejam sempre devidamente explicitadas e negociadas com as crianças, de forma a que elas as percebam e consigam situar-se autonomamente no decorrer do dia de atividades. (Apud, Batista, 1998, p.8)

Em algumas das instituições em que adquiri bagagem, pude notar que a rotina é feita e organizada pensada na criança como um todo, respeitando seus limites e adversidades. Cada criança é única, e muitas vezes a rotina que funciona com vinte alunos não dará certo com apenas dois. Nesse caso, em diálogo com a coordenação, será necessário fazer alterações para que também alcance essas duas crianças.

Nunes (1995, p.127) afirma que

...a rotina escolar deve favorecer o conhecimento de si nas dimensões física, afetiva e cognitiva, sendo necessário que cada criança possa se perceber como personalidade diferenciada. Não basta colocar o conhecimento do EU como conteúdo programático: é preciso que seja respeitada a individualidade de cada criança. Fazer com que todos os alunos realizem as mesmas ações, durante todo o tempo, não é o melhor caminho para isto. É preciso que cada um deles tenha a possibilidade de se opor, de se negar a fazer e de escolher o que fazer, não devendo ser sempre forçado a se conformar com as exigências que lhe são feitas. (Apud, Batista, 1998, p.9)

Falando pedagogicamente, a rotina precisa ser elaborada com doses de cautela, observando a faixa etária das crianças, a metodologia da escola e o que aquela criança espera receber na escola, além de afeto e atenção. Peter McLaren, (1991, p.314) alerta que

...a rotina pode facilmente pender para a repressão; devemos ser cautelosos para que as nossas rotinas não capitulem à contaminação das coerções opressivas ou transforme nossos combates cotidianos, seguros e previsíveis, em tortuosos caminhos de arregimentação.

As crianças matriculadas em berçários, creches e CMEI's, que comumente ficam em período integral, necessitam ainda mais dessa atenção citada acima, pois passam a maior parte do tempo nas instituições, visto que o período noturno é o momento do sono.

O tempo educacional está totalmente ligado a rotina proposta, por isso é tão importante organizar o horário de acordo com as atividades propostas, o tempo

livre, o lanche e o momento de higiene como lavar as mãos, escovar os dentes e a troca de fraldas (quando necessário).

A rotina é compreendida como uma categoria pedagógica da Educação Infantil que opera como uma estrutura básica organizadora da vida cotidiana diária em certo tipo de espaço social, creches ou pré-escola. Devem fazer parte da rotina todas as atividades recorrentes ou reiterativas na vida cotidiana coletiva, mas nem por isso precisam ser repetitivas. (BARBOSA, 2006, p. 201).

Reitero que, a rotina além de importante para a criança é fundamental para todo o corpo pedagógico. Estudar sobre a rotina, é estar preparado para o cotidiano na educação infantil.

2.2 Processo de rotinização da infância

No início da modernidade a criança era vista como a miniatura de um adulto e eram chamadas de bárbaros. De acordo com Barbosa (2000) essa palavra provém da antiguidade clássica, uma vez que os gregos denominavam “barbarói” os balbuciantes ou todos aqueles que não sabiam falar a sua língua, como as crianças antes de falarem corretamente balbuciam, essa é uma palavra que serve para denominar tanto os estrangeiros como também as crianças.

Nesta época as crianças eram vistas como uma obrigação cristã, isso porque, segundo Barbosa (2000), as semelhanças entre os nativos das Américas e as crianças estavam calcadas nas mesmas ambiguidades, pois ambos eram vistos como o bem e o mal, o inocente e o pecador. Por isso, essas crianças ficavam sob tutela de “professores naturais”, que eram adultos, homens e brancos. O objetivo dos educadores moralistas era ensinar a civilização e disciplinar crianças até chegarem na idade da razão. Em busca dessa civilização, os educadores moralistas fizeram com que esse fosse o principal objetivo na infância. Foram criados manuais para os pais, com instruções de como educar os filhos, Erasmo de Roterdã (1530) publicou um texto onde ensinava as crianças as normas sociais e pediu para que tratassem do assunto como prioridade e não em segundo plano, que encarassem aquelas normas como se fossem a própria vida.

John Locke (1689), em 1693 publicou um compêndio com 27 capítulos sobre a educação. Para ele, formar o caráter, um código de comportamento válido para todos, é o objetivo principal da educação. Assim como os autores citados acima, outros também publicaram sobre o assunto. Em todas as escritas, a metodologia era complementada com fábulas e provérbios, no intuito de formar caráter. Foi só no século XVIII que Rousseau que se opunha a tamanha rigidez, evidenciou uma forma mais leve e natural de educar as crianças, tornando um projeto pessoal ou familiar. Nesta época surgiram as instituições, esquematizando uma nova forma de educar as crianças.

Durante o Renascimento com a revisão das experiências da igreja primitiva a infância foi repensada e a criança volta a ser vista com ar de pureza, afinal na

própria Bíblia Cristo diz que o Reino do Céus pertence a elas. Pensando em um novo método de educação, no século XIX foram criados espaços educacionais específicos para intervenção pedagógica. Com o passar do tempo, as instituições de educação infantil se expandiram para diferentes países, com diversos métodos educacionais.

A importância dada à infância, no século XX, pode ser medida através dos conhecimentos que foram construídos sobre ela e que foram divulgados por meio de campanhas, das Grandes Exposições Internacionais, dos Manuais de puericultura, pediatria, psicologia infantil. (BARBOSA, 2000, p.106)

Do século XX em diante a concepção de infância mudou, o assunto já era discutido cientificamente e entrelaçado com a pediatria e psicologia infantil. Com as descobertas, foi observado a importância na rotina para o momento da amamentação, introdução de alimentos sólidos ou até mesmo o momento dos jogos pedagógicos de acordo com a faixa etária.

E assim foi acontecendo a rotinização da educação infantil, começou com uma proposta religiosa para determinado grupo, mas com o passar do tempo e com o acúmulo de conhecimentos científicos as instituições foram crescendo e separando as crianças de acordo com a faixa etária, nível de inteligência ou a presença de dificuldades.

Os espaços específicos para os cuidados e a educação das crianças bem pequenas acabam sendo estruturados como mundos fechados, protegidos, com espaços internos e externos, ordenados e regulamentados além de atividades previamente programadas, com o uso de materiais específicos em tempos cronogramados. Um processo de padronização das crianças e de rotinização da educação infantil. (BARBOSA, 2000, p. 107)

As metodologias ensinadas variavam entre higiene pessoal, socialização, escrita e leitura, de acordo com a faixa etária. Vale ressaltar que, internamente as instituições de educação infantil podem variar muito quando comparada com outras. Geralmente oferecem período integral ou parcial, tem um horário para entrada flexível. As instituições devem oferecer saúde, educação e assistência social, e em relação a legislação, na maioria dos países é recente.

Barbosa (2000) pontua que, trata-se da rotinização da educação infantil que é feita pela padronização dos hábitos, pela organização do ambiente, pelos usos do tempo, pela seleção de atividade e de materiais, pelas propostas pedagógicas.

Para refletir sobre este processo que acontece na rotina da educação infantil, no próximo tópico abordarei sobre a organização da rotina.

2.3 A rotina, sua estrutura e modos de funcionamento

Como já citado anteriormente, as escolas estão investindo no marketing com rotinas superlotadas e completas. Mas o excesso, muitas vezes podem deixar as crianças sem liberdade, sem tempo para imaginação ou uma brincadeira livre e se torna algo dominante.

[...] à rotina, estrutura entendida como sendo gerenciadora do tempo-espço da creche e que, muitas vezes, obedece a uma lógica institucionalizada nos padrões da pedagogia escolar que se impõe sobre as crianças e sobre os adultos que vivem grande parte do tempo de suas vidas nesta instituição. (BATISTA, 1998 p. 4)

Esse é um dos fatores que tornaram as visitas de pais e responsáveis para conhecer as instituições tão importantes, pois é o momento destinado a conhecer o espaço escolar, se ele é ou não adequado para a faixa etária que são oferecidas as vagas. Se a organização do tempo e o método de ensino agrada a família e se os materiais que são utilizados atendem as demandas da criança.

Horn (2004) afirma que, não basta organizarmos o espaço em cantos temáticos e colocarmos jogos e materiais à disposição das crianças sem que o professor tenha a consciência do desafio que isso impõe a elas. A escolha dos materiais é importante para o desenvolver da aula, por isso é essencial que o educador acompanhe de perto como os alunos e alunas estão se desenvolvendo.

Para Freire (1986) o espaço é o retrato da relação pedagógica. Horn tem pensamentos parecidos, (2004) e pontua que o espaço na educação infantil não é somente um local de trabalho, mas sim um instrumento, um recurso, um parceiro do professor na prática educativa. Por isso, acho importante envolver a criança nos recursos que teremos na sala, nos componentes que iremos colocar ali como calendário, painel de rotinas, combinados, mural de aniversários, etc. Dada essas informações, notamos que o espaço é algo socialmente construído, um ambiente que não é neutro, pode ser estimulante ou desanimador e retrata hábitos e rituais que contam experiências vividas.

Portanto, não basta a criança estar em um espaço organizado de modo a desafiar suas competências; é preciso que ela interaja com esse espaço para vive-lo intencionalmente. Isso quer dizer que essas vivências, na realidade, estruturam-se em uma rede de relações e expressam-se em papéis que as crianças desempenham em um contexto no qual os móveis, os materiais, os rituais de rotina, a professora e a vida das crianças fora da escola interferem nessas vivências. (Rossetti-Ferreira,1999, apud Horn, 2004, p.15).

O espaço, os materiais e a organização precisam caminhar em sintonia para uma rotina que atenda as demandas do profissional da educação e a particularidade de cada criança. A importância da rotina tem sido bastante estudada, desde que a Educação Infantil foi reconhecida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB. A Educação infantil da região metropolitana de Goiânia contempla crianças de 06 meses até 05 anos em período integral, a criança permanece diariamente 10 horas no ambiente escolar, esse período se torna maior que o convívio com os pais, visto que, algumas horas depois que a criança está em casa, necessita do descanso noturno.

A conquista na Constituição Federal de 1988 (Art.7, inciso XXV, no Dos Direitos e Garantias Individuais e Coletivas) do reconhecimento da educação em creches e pré-escolas' como um direito da criança e um dever do estado, representa um marco relevante na história da educação infantil no Brasil. Além desta conquista legal, houve também a inclusão da educação infantil como parte integrante do ensino fundamental na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394/ 1996). ' (BATISTA, 1998, p.02)

Neste ano de 2023, a capital do estado de Goiás fez algumas alterações, os Cmeis passam a atender de 06 meses até 3 anos. As crianças que completam 4 anos até o dia 31 de março já são destinadas para a escola, e lá elas permanecerão apenas por um período do dia. A mudança, ainda divide opiniões entre a classe de professores, pois muitas vezes as escolas não são equipadas o suficiente para atender a demanda de brincadeiras e brinquedos que são essenciais na educação infantil.

A infância conquistou seu espaço na sociedade, atualmente a criança já é considerada uma cidadã logo após seu nascimento, possuindo direito a CPF (cadastro de pessoas físicas) e certidão de nascimento como todas as outras pessoas. A educação é um direito da criança previsto na Constituição Brasileira.

A Constituição de 1988 estabelece que a família, a sociedade e o Estado são responsáveis pela formação e estruturação dos

indivíduos conforme dispõe o artigo 227: É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (ChildFund Brasil, [s.d])

Em 1996, foi definido na LDB que a idade obrigatória para matrícula e início da frequência escolar seria com 06 anos. Mas, em 2013 a legislação foi alterada e a matrícula de crianças com 04 anos passou a ser obrigatória, como direito da criança os pais devem matricular seus filhos e o estado deve garantir esta vaga já prevista na lei.

A educação infantil destaca que a criança precisa ser cuidada e tem garantia a educação. Mas, quando seus direitos são violados, os adultos precisam advogar em nome das crianças, visto que ainda não possuem maturidade para se defender. Por isso, devemos ter atenção a qual rotina é utilizada na escola, pois quando a rotina deixa de ser agradável e passa a ser robotizada, a criança deixa sua infância, diminui sua imaginação e se torna refém da rotina.

A impressão que tive, à época, sobre o cotidiano da creche é de que existia uma necessidade de garantir, a partir da rotina, a ordem e a disciplina como condição para um funcionamento pretensamente harmônico da instituição. Em muitos momentos, parecia que era preciso negar o sujeito- criança, fazer dela um sujeito-aluno, para assim garantir a organização' da estrutura seriada, hierarquizada e uniforme advinda do modelo escolar. (BATISTA, 1998 p.15)

Em algumas instituições, os profissionais da educação tratam as crianças como se fossem mini adultos, que precisam seguir metodicamente a rotina e não possuem tempo para extravasar, brincar livremente, usar a imaginação e ser criança. A rotina é essencial, mas precisa ser ajustável à realidade de cada criança e suas particularidades.

O início do ano letivo, tende a ser difícil para as crianças que estão ingressando na vida escolar. Afinal, é uma rotina e um ambiente diferente. Neste começo, o choro faz parte, uma boa e alegre recepção dos professores e professoras pode ser um acalento para esse momento, fazendo que as crianças se sintam acolhidas. Em algumas escolas nas primeiras duas semanas o tempo na

escola é reduzido e vai aumentando gradativamente conforme aceitação do aluno. Algumas crianças se adaptam facilmente, outras vão além desse período para se sentirem seguras, o importante é respeitar a criança como cidadã de direitos que ela é.

Para facilitar essa adaptação e o gostar da criança pela instituição, é necessário que o espaço ofertado seja atrativo aos olhos da criança. A educação infantil precisa ser lúdica, e ter um ambiente agradável para frequência.

Existem dois tipos de rotina, uma mais rígida e outra mais branda onde a criança possui mais autonomia.

Nessa rotina mais rígida, a criança está sempre esperando, pois está organizada do ponto de vista do adulto. Já a rotina viva articula aspectos físicos, cognitivos e socioafetivos da criança, satisfazendo suas necessidades socioculturais: interação, linguagem e brincadeira. A aprendizagem acontece em todos os momentos do cotidiano. A criança é vista como um ser que interage e que faz. A participação da criança na organização dessa rotina é possível dada sua flexibilidade. (OSTETTO, 2013, p.104)

Uma rotina sólida traz segurança tanto para criança quanto para o professor, importante fazer uma ressalva referente ao tempo dessa rotina e quantidade de atividades propostas. Não é bom para a turma que o professor ou professora esteja atarefado de coisas para fazer em um curto espaço, uma rotina viva faz pulsar os desejos coletivamente. Nessa construção, cada um pode fazer sua história, estabelecer vínculos, convivências e um processo de autoconhecimento.

Na educação infantil, a rotina representa a divisão do tempo didático entre as atividades, o brincar e o cuidar. Na hora do banho, escovação dos dentes e alimentação, é o momento de trabalhar a independência e pode-se utilizar destes momentos para trabalhar os cinco sentidos da criança, por exemplo, integrando atividades rotineiras e metodologias para o aprender. É importante que fique claro que, na Educação Infantil o aprendizado acontece de forma contínua e em todas as atividades que são feitas na instituição.

O banheiro se transforma em floresta, castelo encantado, piscina, quadra de esportes para competições na hora de se trocar, salão de cabeleireiro, lojas de roupas... mas é claro que nem sempre são usados esses recursos de faz de conta. Muitas vezes o banho fica mais gostoso só com músicas, com todo mundo falando baixinho para ouvir uma história enquanto se trocam, lendo gibis, ou nos chuveiros externos durante o verão, apelidados aqui de cachoeiras. (Guimarães, 2007, p. 121)

Cabe ao educador, conhecendo sua turma fazer esse momento ser algo prazeroso e lúdico para as crianças.

Como citado por diversos autores acima, a importância da rotina para as crianças é irrefutável. Mas, é necessário ponderar particularidades de cada criança e ajustar da melhor forma possível visando o bem estar e acolhimento com a mesma. Para o educador, é preciso constância; constância nos horários, no ritmo, na sequência de atividades, no uso do tempo e materiais. É preciso uma rotina com abertura para o novo, com tempo para o imprevisto, visto que na educação infantil com tudo se aprende.

É importante que o profissional que atua junto às crianças observe o seu fazer pedagógico, como ele acontece, quanto tempo dura, onde as crianças preferem ficar, o que mais as agita, e o que as deixa tranquilas, para poder, deste modo, fazer uma organização do tempo. Esse conhecimento é fundamental, caso contrário corre-se o risco de ter uma rotina sem nenhum significado e muitas vezes até autoritária, tirando a autonomia das crianças. (CAVASIN, 2008, p.50)

Costumo dizer que tenho várias personalidades como pedagoga, pois cada turma tem sua especificidade. Entre os turnos matutino e vespertino utilizo diferentes recursos em que a turma mais se identifica, diferentes brincadeiras, músicas, jogos e tempo livre. Para chegar nessa organização pedagógica, foi necessário primeiro observar aquelas crianças, utilizar de diferentes metodologias e ter a percepção de qual se adequaria melhor. Ambas turmas com a mesma faixa etária, mesma professora, mas com rotinas diferentes, isso acontece porque o foco principal da criação da rotina foram as crianças. Cavasin (2008, p.61) afirma que:

A rotina estruturante diferencia-se da mecânica por ser planejada, por pertencer à proposta pedagógica da instituição, por respeitar a criança e seus ritmos. Ela também dá mais liberdade ao professor para lidar com o inesperado, sem cair no espontaneísmo pedagógico; há uma intencionalidade na ação, tornando-se o professor um mediador de situações significativas que auxiliam no desenvolvimento das crianças.

A rotina é norteadora, deve ser vista como um caminho e não como uma prisão. Estudar este assunto é primordial para o pedagogo (a) compreender quão importante é criar a rotina da turma depois de já conhecê-los, integrando cada um, analisando as melhores sequências de atividades e metodologias.

Apesar de muito se falar sobre a rotina, é um tema pouco pesquisado ainda. Tendo como referências duas grandes autoras, Barbosa e Batista. Por ser uma

questão importante pra mim, dei continuidade no trabalho da mesma maneira. Agora, chegando ao fim da escrita, espero que este documento ajude diversos profissionais da educação, que as crianças ganhem o espaço que merecem nos planejamentos e organização do ambiente, incluindo as rotinas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O primeiro passo para a realização dessa monografia, foi buscar entre minhas experiências vividas algo que chamasse minha atenção e aguçasse a curiosidade para uma pesquisa de cunho teórico e bibliográfico. Foi aí que percebi o quanto a rotina me causava diferentes sentimentos em distintas instituições. A priori, pensei que uma pesquisa sobre rotina não teria muito o que dizer, por ser um assunto frequentemente discutido na educação. Porém, realizando leituras tive a percepção que tudo o que eu e a maioria das pessoas sabiam era o significado básico da rotina, mas para compreender o porquê da rotina precisei me aprofundar em diferentes autores como Batista (1998), Enguita (1989), Coutinho (2012), Carvalho (2017) e principalmente nas obras da Barbosa (2000).

A pesquisa foi dividida em objetivos. Brevemente, esclarecerei como alcancei cada um. Comecei a escrita relatando toda minha experiência até aqui, sem dúvidas vivenciar momentos nas escolas fez de mim uma melhor observadora e pesquisadora. Nas instituições notei o quanto a rotina pode diversificar e ser diferente em uma mesma faixa etária. Alguns fatores podem influenciar na rotina escolhida pela escola, como a classe social, a metodologia da instituição, o método de ensino escolhido pela professora, entres outros.

No tópico I, detalhadamente escrevi sobre a gênese da rotina e como ela surgiu. A prática da rotina já existia antes mesmo de ter um nome, mas só com o passar do tempo que foi nomeada no dicionário. A rotina se tornou algo cultural, o ser humano gosta de uma certa previsibilidade, de uma organização quanto aos afazeres do dia a dia. Por esse motivo a rotina e o cotidiano andam lado a lado e apesar de parecerem sinônimos possuem significados diferentes, a rotina é apenas um elemento que compõe o cotidiano.

No âmbito educacional, a rotina chega em meados da revolução industrial, e o fato de as crianças terem tempo livre para brincar incomodou o reverendo que sugeriu que as crianças aprendessem comportamentos na escola e depois fossem para a indústria, dessa forma as crianças ficariam em média 12 horas ocupadas durante o dia. Assim, já cresceriam adultos acostumados com a dura rotina de trabalho. Para a igreja católica a rotina também era fundamental, eles a usavam para controlar os fiéis.

No início da Modernidade, a criança era vista como miniatura de um adulto e como uma obrigação cristã. Em busca de uma civilização, educadores moralistas ficavam com a tutela das crianças até que chegassem na idade da razão. Para eles, esse seria o principal objetivo da infância, e criaram manuais para que os pais seguissem enquanto estiverem com as crianças.

Já no Renascimento a infância foi repensada pela igreja primitiva, e as crianças voltaram a ser vistas com pureza. Nesta mesma época, surgiram instituições de ensino específicas para as intervenções pedagógicas. Do século XX em diante a infância passou a ser vista e relacionada com a pedagogia, pediatria e psicologia infantil. Daí em diante, foi acontecendo a rotinização dentro das escolas. Hoje, a rotina auxilia todo o corpo docente da instituição, desde o planejamento anual ao cotidiano vivenciado dentro das salas de aula.

Na educação infantil, como dito durante toda a escrita feita por mim e baseada por vários autores importantes para a história da Educação, a rotina é essencial. Para os profissionais da educação, além de proporcionar organização, a rotina otimiza o tempo, concede uma previsibilidade do que pode acontecer durante o horário escolar e o principal, passa segurança tanto para pedagogas (os), quanto para as crianças. Na adaptação escolar, principalmente, é fundamental que a rotina seja passada para o discente, pois passa uma segurança, um acolhimento, a criança começa a sentir que apesar de um novo ambiente, de nova pessoas, irá ficar tudo bem e que o seu responsável voltará no horário estipulado para buscá-lo.

Chegar ao final da escrita deste trabalho é gratificante, e me traz também uma sensação de alívio por conseguir fechar mais um ciclo da minha vida. Falar de um tema tão abrangente e importante para a Educação Infantil fez de mim uma profissional melhor, espero que, a escrita desta monografia possa contribuir para demais profissionais da educação e todos aqueles que se interessam pelo tema.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. (Consultora). **Práticas Cotidianas na Educação Infantil - Bases para a reflexão sobre as Orientações Curriculares**. Projeto de Cooperação Técnica MEC e UFRGS para construção de Orientações Curriculares para a Educação Infantil. Brasília, 2009. Ministério da Educação - Secretaria de Educação Básica e Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor & por força: rotinas na educação infantil**. 2000. 278 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/253489>>.

BATISTA Rosa. **A rotina no dia-a-dia da creche: entre o proposto e o vivido**. Florianópolis, SC. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.

BILÓRIA, Jéssica Ferreira; METZNER, Andréia Cristina. A importância da rotina na Educação Infantil. Revista Fafibe On-Line — ano VI — n.6 — nov. 2013, — ISSN 1808-6993. Bebedouro/SP.

CARVALHO, Rodrigo Saballa de; FOCHI, Paulo Sérgio (Orgs.) **Em Aberto. Pedagogia no Cotidiano na e da Educação Infantil**. Brasília, V. 30, n.100, 2017.

CAVASIN, Rosane França. A Organização das Rotinas com Crianças de 0 a 3 Anos e sua Relação com o Referencial Curricular Nacional Para Educação Infantil – RCNEI. Joaçaba, SC. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Oeste de Santa Catarina, 2008.

ChildFund Brasil. Disponível em: < <https://www.childfundbrasil.org.br/blog/crianca-cidada/#:~:text=A%20Lei%20n%C2%BA%208.069%2C%20conhecida,forma%20como%20protege%20esse%20p%C3%BAblico>>. Acesso em 18/02/2013

COUTINHO, Angela Scalabrin; DAY, Giseli; WIGGER, Verena. **Práticas Pedagógicas na Educação Infantil: diálogos possíveis a partir da formação profissional**. São Leopoldo: Oikos; Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2012.

ENGUITA, Mariano Fernández. **A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FREIRE, Madalena. Rotina: Construção do tempo na relação pedagógica. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1998.

GUIMARÃES, Laudicéia. Banho: Que delícia. In: ROSSETI-FERREIRA, Maria Clotilde; MELLO, Ana Maria; VITÓRIA, Telma; GOSUEN, Adriano; CHAGURI, Ana Cecília. (Org.) **Os Fazeres na Educação Infantil**. 9ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2007

GUATTARI, Félix. **As creches e a iniciação**. In: GUATTARI, Félix. Revolução molecular: pulsações políticas do desejo. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, Cores, Sons, Aromas: A organização dos Espaços na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Instituto de Administração da Saúde.

Disponível em: <https://iasaude.pt/index.php/informacao-documentacao/recortes-de-imprensa/1893-cerebro-e-como-uma-esponja-ate-aos-11-anos-de-idade>. Acesso em 21/01/2023

LIMA, Antonia Emanuela Oliveira de. **A rotina na educação infantil e sua contribuição para a autonomia moral da criança**. 2010. 174f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2010.

Miguel A. **Qualidade em educação infantil**. Porto Alegre: ArtMed, 1998. 288 p
OSTETTO (ORG.), Luciana. **Educação infantil saberes e fazeres da formação de professores**. Papirus Editora, 2013.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Planejamento na educação infantil: mais que a atividade, a criança em foco. **Encontros e encantamentos na educação infantil: partilhando experiências de estágios**. Campinas: Papirus, p. 175-200, 2000.

ROTINA. In: ROTINA, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/rotina/> >. Acesso em: 18/12/2022

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Apezatto (Orgs.). **Pedagogias(s) da infância: dialogando com o passado: construindo o futuro**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em educação infantil**. Porto Alegre: ArtMed, 1998. 288 p



**INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
GOIÁS

Documento Digitalizado Público

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC Versão Final

Assunto: Trabalho de Conclusão de Curso - TCC Versão Final

Assinado por: Matheus Souza

Tipo do Documento: Documentos

Situação: Finalizado

Nível de Acesso: Público

Tipo do Conferência: Cópia Simples

Documento assinado eletronicamente por:

- **Matheus Pereira de Souza, ASSISTENTE EM ADMINISTRACAO**, em 20/03/2023 17:07:41.

Este documento foi armazenado no SUAP em 20/03/2023. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 405291

Código de Autenticação: 6da7d6f375

